

SOBRE A AUTORA

Por William Soares dos Santos

Carla Abrahão é uma escritora que explora habilmente o universo intimista urbano. Mostrando, quase sempre, personagens que se tornam frágeis em confronto com elementos opressores da cidade. De natureza que leva quase sempre à reflexão existencial, o seu trabalho traz personagens que se aproximam daqueles criados por escritores como Ignácio de Loyola Brandão, principalmente daqueles que mostram, os seres humanos presos às neuroses e às ditaduras de seu tempo. E cada tempo produz os seus próprios padrões de autoritarismos.

Sobre o seu conto: No conto “Cores”, Carla aborda a necessidade de mudança frente a um mundo opressor que, no entanto, não se revela inteiramente. É somente através de pequenos movimentos na narrativa que o leitor é capaz de ver que uma crise está instaurada e com ela o movimento para a sua resolução. Mas a resolução nem sempre é garantia de uma promessa de felicidade.



CARLA
ABRAHÃO



[07]



Cores

Carla Abrahão

Fitou o guarda-roupa marrom. A cor neutra se destacava coloridamente entre as paredes cinzas, acompanhadas apenas por detalhes brancos. Os lençóis na cama, a mesa velha e uma cadeira confortável, todos respeitavam a escala preto-cinza-branco. Menos o maldito armário marrom. Não lembrava a ocasião na qual o comprara, mas na época não o incomodava como agora.

Abriu as portas com um tom maior de agressividade do que o necessário. As roupas, felizmente, ainda obedeciam às suas regras. Tecidos pretos e brancos contrastavam entre si. O detestado emprego de advogado favorecia, pelo menos, sua inclinação à monocromia.

Não se demorou escolhendo ou vestindo a roupa. Não tinha muito com o que se distrair naquela solitária casa. O silêncio agonizante intensificava a melancolia que nutria rotineiramente. Não que se considerasse triste, mas o ritmo monótono de sua vida não lhe proporcionava momentos de beleza suficientes para se dizer feliz.

Preparou rapidamente seu café. Forte e sem açúcar, como sempre. Pegou a bolsa que já estava no caminho e saiu. Ao abrir a porta, espantou-se com o azul estonteante do céu. Esperava um dia chuvoso e odiou a surpresa.

Entre o ar quente e os resmungos, caminhou até o carro. Tentou ligá-lo. Uma, duas, três vezes. “Deus, por que decidira me castigar?”, ele pensou. Desistiu. Bateu a porta do automóvel com tanta força que assustou uma jovem que caminhava pela rua.

O dia mal começara e já parecia destruído. Não que seus dias costumassem ser bons, mas esperava só irritar-se assim durante o expediente. Odiava o trabalho e estava odiando mais ainda ir

até lá a pé, embaixo do sol e suando sob a roupa sufocante.

Andou por alguns minutos e sentiu seus músculos queimando. Costumava praticar exercícios físicos na sua época de universitário, mas há muito tempo seu corpo esquecera como era fazer. Sentou-se num banco de cimento que encontrou na sombra a fim de descansar. Respirou fundo. Olhou ao redor, era primavera e estava cercado de árvores que exibiam as mais lindas flores. Um mar verde vivo enfeitado de obras-primas coloridas de rosa, amarelo, branco. Suspirou admirando tamanha beleza.

Sua boca estava seca e sua camisa, molhada. Tirou o paletó, jogou-o entre as alças da bolsa e se levantou, indo em direção a um pequeno quiosque, para matar sua sede. “Bom dia, uma garrafa d’água, por favor”, pediu. “Água mineral ou de coco?”, uma simpática senhora lhe perguntou. Não tinha imaginado a possibilidade de beber água de coco. “De coco, por favor”, respondeu. Ela lhe entregou a garrafinha. “Não seria melhor no coco?”, sugeriu. Aquilo parecia mais certo, mas sua intenção não era parar para beber “claro, no coco seria ótimo”.

Sentou-se e apoiou a bolsa e o coco na mesa. Olhou o relógio. 9h55. Não estava tão atrasado, mas não tinha tempo de descansar ali. Lembrou-se do carro quebrado, esfregou as mãos no rosto molhado com um certo desespero. Olhou de novo o relógio, só um minuto havia se passado. Respirou fundo mais uma vez. Sentia-se cansado. Mas tinha tanto a fazer...

Um vento fresco atropelou seu corpo, sentiu uma vivacidade lhe tomar. Pegou a bolsa e tirou de lá seu notebook. Abriu o processo no qual estava trabalhando há alguns meses. Caso cansativo e estressante. Desabotoou a parte de cima da camisa, dobrou as mangas.

Trabalhou por horas seguidas naquele escritório improvisado. Por vezes, se sentiu desconfortável com a cadeira de plástico, tão diferente da sua poltrona de costume. Mas sempre que o incômodo começava a falar mais alto, olhava o céu, com seu azul calmante, as plantas cor de esmeralda, com suas delicadas flores. Fechava os olhos e conseguia ouvir a natureza, o passarinho compondo as melodias mais bonitas. Não sentiu falta das suas paredes brancas e seu silêncio angustiante.

Olhou o relógio mais uma vez, ele mostrava 16h37. Olhou o que tinha feito, orgulhoso do quão produtivo conseguira ser. Guardou tudo, pagou a conta do que consumira naquele pequeno e simples comércio e se levantou. Não caminhou pelo trajeto que o tinha levado até ali, não queria voltar para casa.

Com passos lentos para direção oposta à da sua casa, observava a diversidade dos verdes das árvores, o cheiro de natureza, o som de vida e todos os detalhes que passavam despercebidos todos os dias de rotina. Se pegou cantarolando uma música qualquer e sorrindo para si mesmo. Ah, aquele dia que já parecia destruído.

Os passos pararam quando chegou na orla. A praia vazia, como era de se esperar de um dia de semana no início de novembro. Sentou-se em cima do seu paletó, na areia. Olhou o encontro do

céu com o mar, pensou em como gostava dos tons de azul. Acabara de lembrar esse fato sobre si, que estava escondido de sua memória por bastante tempo.

O azul se tornou laranja. Ele pensou que laranja podia ser uma cor extraordinária. Acompanhou o pôr-do-sol com poucos pensamentos na cabeça, mas explorando tudo o que sentia. Ouviu o som das ondas do mar quebrando na praia, e sentiu a areia sob o seu corpo e entre os seus dedos, o cheiro da maresia, o vento frio (e cada vez mais frio) acariciando sua pele, enquanto admirava as lindas cores que metamorfoseavam o céu.

Quando o sol já havia partido por completo, pegou suas coisas, caminhou até a casa. Abriu a porta, adentrou o pequeno espaço. Se sentiu exausto e dormiu antes que pudesse refletir sobre qualquer coisa. Dormiu por nove horas com um sono confortável e intenso.

Acordou na manhã seguinte. Fitou o guarda-roupa. Lembrou do dia anterior. Observou o redor. O guarda-roupa não o incomodava mais. Talvez ele precisasse arranjar mais cores para aquela casa.

